

TEMPORAIS

Com o início da estação chuvosa, moradores e autoridades se preparam para períodos de alagamentos e prejuízos. O Distrito Federal tem, ao menos, 24 áreas de constante atenção, nas quais vivem cerca de 2,1 mil pessoas

Fortes chuvas deixam áreas de risco em alerta

» ANA CAROLINA ALVES
» CARLOS SILVA

A temporada de chuvas chegou para aliviar o calorão que assolava o Distrito Federal. No entanto, essa mesma chuva começa a preocupar os brasilienses. A capital começou a viver nos últimos dias o alerta amarelo de perigo potencial de chuvas intensas, segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). Esses alertas se tornam mais preocupantes quando leva-se em conta que o DF tem em seu território ao menos 24 áreas de risco, conforme a Defesa Civil, as quais deverão enfrentar nos próximos dias intensos temporais.

Apesar de não ser o nível mais intenso de alerta — que na escala do Inmet vai até o vermelho, de risco muito alto —, o ponto amarelo requer cautela. Nessa situação, são esperadas chuvas entre 20 e 30 milímetros por hora, as quais podem chegar a 50 milímetros por dia, com ventos intensos entre 40 e 60 km/h. Isso representa risco de corte de energia elétrica, queda de galhos de árvores, alagamentos e descargas elétricas.

Para se ter uma ideia, no início da semana tivemos um exemplo do que isso pode causar. As fortes chuvas que atingiram o Paranoá, na segunda-feira, deixaram um rastro de destruição. A força das rajadas de vento foi tão intensa que derrubou bombas de combustível em um posto da cidade. Nas imagens que circularam nas redes sociais, é possível ver algumas bombas caídas e outras prestes a despencar. Por sorte, somente foram registrados danos materiais, ninguém se feriu.

Se, para moradores do DF, como um todo, o panorama é preocupante, a situação é ainda mais grave para quem reside em áreas de risco. De acordo com o Serviço Geológico do Brasil (SGB), 2.100 pessoas vivem nessas regiões. A Defesa Civil tem registradas 11 regiões administrativas com territórios classificados como perigosos e suscetíveis a fenômenos de erosão, enxurrada, deslizamento e inundação. São elas: Arniqueira, Fercal, Gama, Núcleo Bandeirante, Planaltina, Recanto das Emas, Riacho Fundo I, Setor Habitacional Água Quente, Sobradinho II, Sol Nascente e Pôr do Sol (**confira quadro**).

Cotidiano

Moradora de Vicente Pires há 10 anos, Marinalva dos Santos, 44 anos, lembra de um episódio marcante durante uma forte chuva em 2023. “Eu estava no ônibus e chovia demais. Descendo a rua, vimos o carro de uma moça derrapar, e a água começou a invadir o veículo. Eu e mais quatro pessoas descemos e a ajudamos a estacionar e ficar em segurança”, recorda.

Mesmo após as obras de drenagem realizadas na região, Marinalva diz que os alagamentos são frequentes em alguns locais. “Na Rua 7 mesmo, quando começa a chover, a gente fica morrendo de medo, porque parece que a água vai descendo e levando tudo embora. Tenho vários amigos que perderam o motor do carro por causa das chuvas aqui”, conta. Para se proteger, ela evita sair de casa nos dias de temporal. “Se eu estiver na rua, procuro um abrigo e fico lá até a chuva parar. É muito perigoso. Prefiro me atrasar a me colocar em risco”, afirma.

Na Estrutural, a rotina também é de apreensão durante a temporada de chuvas. Moradora da região há 12 anos, Laurena Dias, 26, lembra que teve prejuízos por causa dos alagamentos. “Meu carro ficou

Ana Carolina Alves/CB



Marinalva socorreu uma moradora em Vicente Pires durante temporal

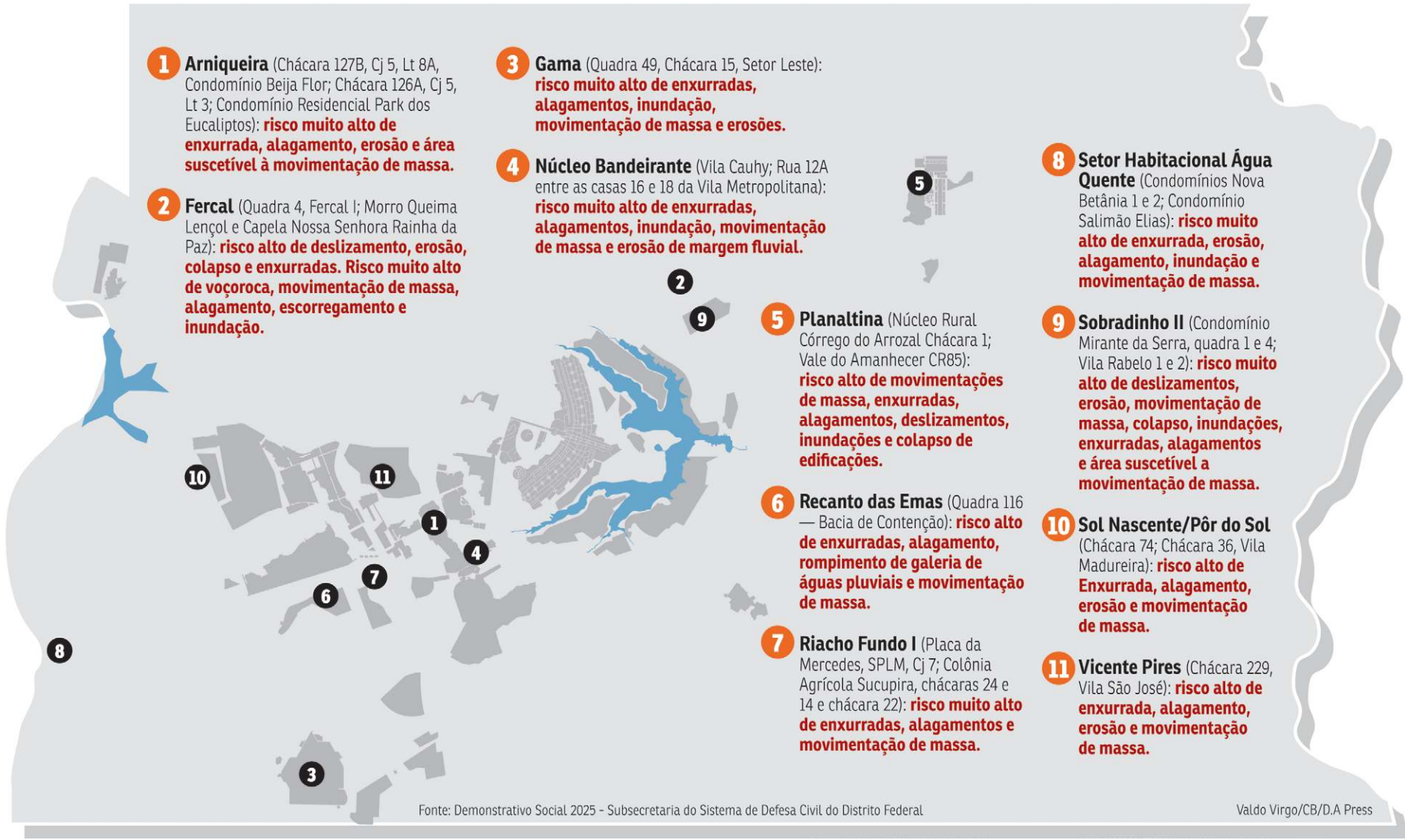
Ana Carolina Alves/CB



Laurena ficou com o carro alagado após chuva na Estrutural

Mapa de áreas de risco

Áreas são monitoradas para verificar possíveis ameaças e vulnerabilidades geotécnicas, estruturais e ambientais



do lado de fora durante uma chuva no ano passado. Quando o temporal diminuiu um pouco, eu e meu marido fomos olhar, e a rua estava alagada, o carro submerso. Tivemos que pedir ajuda para tirá-lo. O motor não chegou a fundir, mas o interior ficou todo mofado”, relata.

A vendedora explica que, nos períodos chuvosos, é comum que as vias da região fiquem intransitáveis. “É começar a chover, tudo alaga. Acho que é principalmente por causa dos bueiros, que não são limpos com frequência. Além disso, muita gente joga lixo nas ruas, e isso entope os bueiros. Quando a água vem, não tem pra onde escoar”, observa.

Sem escoamento

O professor André Luís Brasil Cavalcante, do Departamento de Engenharia Civil e Ambiental da Universidade de Brasília (UnB) explica que o panorama no DF é multifatorial, mas principalmente afetado pelo tipo de solo predominante na região — latérrico e saprolítico —, altamente sensível a água. O relevo acidentado, com áreas altas e vales encaixados, favorece o escoamento rápido da chuva

para as partes mais baixas, o que contribui para o surgimento de erosões, deslizamentos e alagamentos. “É uma combinação de solos sensíveis, relevo acidentado e chuvas intensas. Quando chove muito de uma vez, o sistema natural não dá conta de infiltrar e drenar essa água”, completa.

Grande parte dos problemas que afetam o DF, segundo Cavalcante, está relacionada à ocupação irregular do solo e à expansão urbana desordenada. “O asfalto, as construções e os aterros impedem a infiltração da água, que acaba escorrendo em excesso e sobrecarregando o sistema de drenagem”, diz. O professor lembra que muitas dessas áreas não contam com infraestrutura adequada, o que agrava o risco de alagamentos e enxurradas. Como alternativas, ele defende o uso de mapas geotécnicos e ambientais para orientar o crescimento urbano e o investimento em drenagem sustentável. “Com engenharia, tecnologia e planejamento urbano, é possível conviver bem com o regime de chuvas do DF — o problema é quando a natureza é ignorada”, alerta.

Cavalcante também destaca que a tecnologia tem se tornado uma

aliada importante na prevenção de desastres naturais. Ele coordena o grupo de pesquisa GeoFluxo, da UnB, que desenvolve sistemas de monitoramento em tempo real com sensores capazes de medir chuva, umidade do solo, pressão de poros e movimentação do terreno. “Esses dados são enviados via internet das coisas (IoT) para plataformas digitais que processam automaticamente as informações, combinando big data, modelagem geotécnica e inteligência artificial”, explica. O resultado são mapas de suscetibilidade e alertas preventivos emitidos quando há risco de deslizamento ou enchente.

Alertas

Atualmente, é possível receber alertas da Defesa Civil para situações climáticas extremas — como alagamentos, enchentes, deslizamentos e vendavais — por SMS, TV por assinatura, aplicativo Telegram e aplicativo WhatsApp. Para se cadastrar pelo SMS, basta enviar uma mensagem com o CEP da área de interesse para o número 40199. No WhatsApp, o cadastro é feito ao adicionar o número (61) 2034-4611, enviar um “olá” e

seguir as instruções do robô de alertas. No Telegram, é preciso buscar o contato “Defesa Civil Alertas”, iniciar a conversa e escolher as regiões de interesse. Além disso, os avisos também aparecem automaticamente nas transmissões de TV por assinatura, garantindo que a população seja informada de forma rápida e acessível.

A pasta também iniciou testes neste ano para o novo Defesa Civil Alerta, que permitirá o envio de mensagens emergenciais diretamente aos celulares das pessoas que estiverem em áreas críticas. O sistema exibe a mensagem sobreposta à tela do aparelho, acompanhada de um som de sirene em casos graves, mesmo que o celular esteja no modo silencioso. A ferramenta não exige cadastro prévio e será gratuita para todos os usuários com smartphones compatíveis, geralmente os modelos lançados a partir de 2020.

Medidas

A Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) também afirmou ter ampliando as frentes de trabalho, com inspeções em galerias pluviais, uso de robôs para

identificar entupimentos e execução de obras em locais com histórico de alagamento, como Asa Norte, Asa Sul, Lago Sul e Ceilândia. Além de ter ampliado as operações de desobstrução de bocas de lobo, feitas de forma mecanizada por equipes da própria Novacap e pelo Consórcio GNN Drenagem.

Segundo a pasta, desde que o contrato foi firmado, em janeiro de 2024, foram removidas 241,6 mil toneladas de resíduos das redes pluviais do DF. Essa quantidade inclui entulhos, areia, folhas e materiais descartados irregularmente. Atualmente, a operação conta com uma frota de 20 caminhões capazes de realizar a limpeza mecanizada das galerias e bocas de lobo com alta eficiência.

No setor elétrico, a Neoenergia Brasília colocou em prática um plano de contingência para o período chuvoso, com a possibilidade de triplicar o número de profissionais em campo e no Centro de Operações Integradas. A distribuidora afirmou ter reforçado equipes técnicas, canais de atendimento e ações preventivas, como podas de árvores e manutenção da rede elétrica.